

A Guerra da Restauração nos Periódicos Portugueses

Francisco José Regalado

fearuf@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho visa descrever a evolução da guerra que decorreu desde 1640 a 1668 através dos principais veículos de notícias portuguesas da altura que incorporavam uma moda europeia que acompanha o surgimento de *Gazetas* e *Mercúrios*. O seu objetivo é o de analisar todos os relatos militares mencionados e procurar reconstituir um percurso da guerra que permita perceber as diferenças entre cada frente de batalha. Terá também em conta alguns dos principais aspetos referidos nas notícias e procura comparar a atividade militar de cada uma das forças beligerantes tendo em conta as suas diferenças, os seus objetivos e respetivos sucessos e insucessos. Para tal fim apoia-se em mapas e gráficos criados com os dados obtidos da análise das fontes. Demonstra uma guerra decidida por grandes batalhas, mas mesmo assim com diferentes níveis de intensidade, múltiplas zonas de conflito e uma constante atitude defensiva de Portugal.

Palavras-chave: Guerra da Restauração; Periódicos; Atividade Militar

Abstract

This paper seeks to describe the evolution of the war that lasted from 1640 to 1668 by the use of the main press sources available at the time in Portugal, which followed the European trends of the appearance of *Gazettes* and *Mercuries*. Its aims are to analyse the military actions that are mentioned and make a reconstitution of the military progression of the war making available the differences between the battles' fronts. It also seeks to identify some of the main aspects that are presented in the news are clearly describe and compare the military activity of both sides, taking into account the differences, the objectives and the success of each one. The work supports itself on maps and graphics based on the data and information from the sources. Demonstrates a war decided by big battles but still with different levels of intensity, multiple regions of conflict and a never-ending defensive attitude by Portugal.

Keywords: Portuguese Restoration War; Newspapers; Military Activity.

Introdução

Desde 1580 a 1640 Portugal estava sobre uma união dinástica com Espanha. Como tal, partilhava problemas e conflitos e eram os reis de Espanha que governavam Portugal,

impondo medidas fiscais para as suas próprias guerras¹, o que levou à sua impopularidade durante o reinado de Filipe III. Estes impostos e tributos, em conjunto com tentativas para acabar com a independência administrativa de Portugal² chegaram ao ponto culminante que foi a aclamação de D. João IV como rei de Portugal.

Esta revolta só foi possível devido às condições gerais da Península Ibérica e da Europa. Alguns meses antes da proclamação da independência de Portugal, já a Guerra dos Segadores tinha começado na Catalunha. Para além disto, ambas as revoltas ocorrem durante um clima de guerra que se vive na Europa, a Guerra dos Trinta Anos, que havia começado em 1618 e que consumia os recursos militares e financeiros das potências envolvidas, entre elas a Espanha, que apoiava a Áustria, devido aos laços familiares. Isto tudo se percebe perfeitamente em obras como “Europe in Crisis 1598-1648”³ que assinalam este período como de crise e evidenciam o início da decadência de Espanha, revelando como uma guerra constante e múltiplas revoltas acabariam por esgotar os seus recursos.

Este artigo procura explorar um tipo de fontes diferentes na abordagem destes temas, em concreto os periódicos “A Gazeta da Restauração”⁴ de 1641 a 1647 e o “Mercúrio Português”⁵ de 1663 a 1667”, face às tradicionalmente usadas, nomeadamente documentação régia, como os documentos do Conselho de Guerra. Aqui, procura-se ver a guerra através das notícias dadas ao prelo na altura, sendo estas motivadas por questões políticas e por isso incapazes de isenção noticiosa. Esta limitação pode, no entanto, aplicar-se a todas as fontes utilizadas. Assim, o trabalho procura fazer uma análise, inicial e breve, da evolução da guerra através destes periódicos, já que grande parte das obras não estudaram estas fontes e as que o fizeram foi numa perspetiva de análise do estilo e segundo uma perspetiva da história da imprensa, mais do que de uma análise sistemática sobre a guerra relatada.

Desta forma encara-se como o principal objetivo a análise das fontes e a conversão da informação retirada em mapas e gráficos que demonstrem a evolução do conflito, mais especificamente procura-se analisar todos os conflitos noticiados e localizá-los no mapa

¹ HESPANHA, António Manuel [et al.] - O Antigo Regime. In História de Portugal. 1ª ed. Lisboa:Editorial Estampa, 1998. ISBN 972-33-1311-1. p.402.

²HESPANHA, António Manuel [et al.] - O Antigo Regime. In História de Portugal.p.402.

³ PARKER, Geoffrey- Europe In Crisis 1598-1648. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. 348p. ISBN 9780631220282.

⁴ GALHEGOS, Manuel de [et al.] - Gazeta Da Restauração. Lisboa: na Officina de Lourenço de Anueres, 1641-47.

⁵ MACEDO, Antonio de Souza- Mercúrio Português. Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1663-1667.

permitindo assim comparações ao longo da fronteira entre Portugal e Espanha. Também número de combatentes envolvidos e qualquer outro tipo de dado que possa ser utilizado. Por isto o trabalho segue objetivos específicos relacionados com o tipo de notícias que surgem e a informação que se pode retirar das mesmas.

Embora o trabalho parta para uma análise unicamente baseada em periódicos não ignora que existam já obras sobre esta guerra como “A Guerra da Restauração 1641-1668” de Fernando Dores Costa e “A Guerra da Restauração no Baixo Alentejo” de Emília Salvado Borges que apresentam já análises próprias sobre a guerra num todo (Fernando Dores) ou a guerra numa região em específico (Emília Salvado). Assim podemos já tentar apontar algumas hipóteses para o que as fontes aqui usadas contenham. Que a guerra era uma guerra principalmente defensiva, que existiam conflitos fronteiriços constantemente, que a guerra ficou marcado por batalhas que envolviam números consideráveis de combatentes sempre em território português. Assim a guerra não é desconhecida, procura-se sim conhecer o específico que estes periódicos em particular possam revelar sobre a guerra aqui analisada, ela encontra-se já explorada nas fontes tradicionais mas não tanto analisado neste tipo de fontes que são os periódicos, assim procura-se contribuir para a análise da guerra mas por uma perspetiva diferente e baseada em mapas e gráficos.

A divisão do artigo é feita em quatro partes: na primeira, aborda-se a “Gazeta da Restauração”, que relata o início da guerra, incluindo a contextualização desta fonte; na segunda, descreve-se a evolução da guerra nos últimos anos abrangidos pelo “Mercúrio Português” e a contextualização do mesmo; numa terceira parte, abordam-se aspetos considerados interessantes, que estão presentes em algumas das notícias, como seja a questão da insubordinação militar e a questão dos considerados traidores (portugueses que lutavam por Espanha); na quarta e última parte, faz-se uma análise dessas notícias, em algumas considerações gerais e a jeito de Conclusão.

Algo que é preciso clarificar é o facto de que, devido à diferença da quantidade e da qualidade da informação, sobretudo devido aos anos que ambos abordam, será principalmente referido o período do “Mercúrio Português”.

1. O início da Guerra e o surgimento da “Gazeta”

A “Gazeta da Restauração” surge com o Alvará de 4 de novembro⁶ dado a Manuel de Galhegos. Esta ação percebe-se tendo em conta a situação da nova dinastia portuguesa, que não só precisava de ser aceite aos olhos dos europeus, como precisava legitimar-se em Portugal⁷. Por isso, o uso da imprensa torna-se óbvio e acaba por ser uma das armas iniciais de propaganda para a sua causa. Nos primeiros anos, Manuel de Galhegos deve ter encarregado Miguel de Mascarenhas de Azevedo da redação do periódico⁸, embora isto seja impossível comprovar-se, devido ao anonimato dos redatores das notícias⁹. Outro aspeto a reter é o facto de grande parte das fontes de informação deste periódico decorrer das ligações e amizades que Manuel de Galhegos tinha no reino¹⁰ e não de acesso direto a informação régia. Embora este periódico percorra múltiplos anos, a maioria não aborda a guerra de Portugal, uma vez que por Decreto de 19 agosto de 1642 proibia-se as Gazetas gerais¹¹ sendo mais tarde retomada a Gazeta, mas já sem notícias sobre a guerra¹². Uma das razões para esta censura, de acordo com a bibliografia¹³, assenta no facto de o periódico conter relatos de milagres demasiado óbvios.

Assim, as notícias que interessam para este artigo, ou seja, as notícias sobre a guerra, estão apenas presentes nos finais de 1641 e em 1642 (aparecem algumas menções nos outros anos, mas são notícias singulares e isoladas). Por isso, ambos os anos serão analisados, embora os meses de notícias em conjunto não cheguem a totalizar um ano completo.

1.1.A Guerra em 1641-1642

Como seria de esperar, estes primeiros anos de guerra são calmos, Portugal ainda está a preparar-se, quer economicamente quer militarmente, e as atividades militares são principalmente de pequenas excursões nas zonas de fronteira. As frentes militares estão ainda a formar-se, a frente no Norte de Portugal não tem quase nenhuma ocorrências no

⁶ TENGARRINHA, José – “Nova História da Imprensa Portuguesa das Origens a 1865”. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. 1003p. ISBN 978-989-644-240-8. p.51-52.

⁷ SOUSA, Jorge Pedro [et al.] - A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português - Uma análise do discurso.p. 8.

⁸ SOUSA, Jorge Pedro [et al.] - A Gazeta “da Restauração ... p. 55.

⁹ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.63.

¹⁰ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.52.

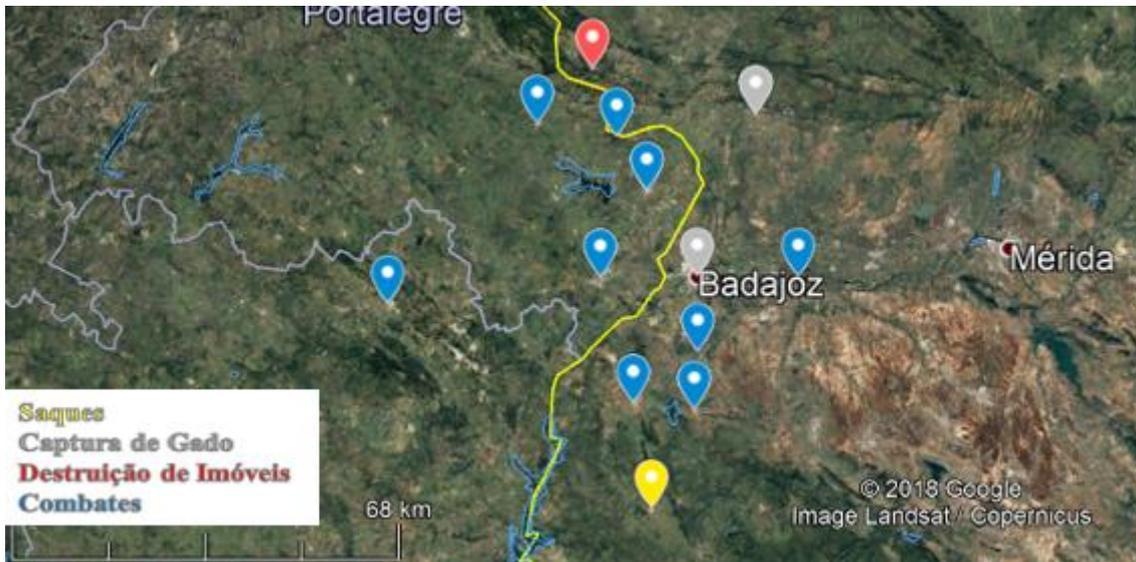
¹¹ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.53.

¹² TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.53.

¹³ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”.

periódico, sendo também ainda efémera a atividade militar aí ocorrida. Existe alguma ação militar na frente da Beira/Castela e Leão, mas esta também é relativamente restrita e de pouca intensidade.

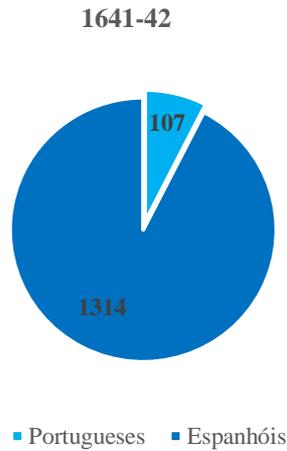
Mapa 1. Alentejo/ Extremadura- Ações Militares em 1641 e 1642.



Fonte: Gazeta.... - Nov. 1641-Set. 1647. - Em Lisboa : na Oficina de Lourenço de Anueres, 1641-1647. - 21 cm in <https://www.google.pt/maps/@41.1523158,-8.6297153,14z>

A última frente e a mais importante durante toda a guerra para determinar o destino da mesma, começa a formar-se nesta altura. Como se pode ver no mapa, as atividades ainda são precoces e referem-se principalmente a pequenos confrontos militares incapazes de ir muito além disso. Os locais demonstrados nos mapas não auferem de exatidão, mas de aproximação ao lugar da ocorrência, em termos de georreferenciação, e assim ocorre com os restantes mapas, mas permitem perceber os principais focos de ação. Algo que é preciso destacar é que durante este período Olivença pertencia a Portugal e, como tal, as ações realizadas nesse território correspondem a ataques castelhanos a território português e não o contrário. De resto, percebe-se que embora as ações sejam dispersas, elas focam-se à volta de duas principais praças: Elvas do lado português; e Badajoz do lado Espanhol. Este aspeto pouco mudará ao longo da guerra e será recorrente nas outras fronteiras, sendo que as atividades militares se concentram em redor das principais praças, procurando ambos os lados o confronto armado.

Diagrama 1. Baixas Portuguesas e Espanholas nos anos de 1641 e 1642.

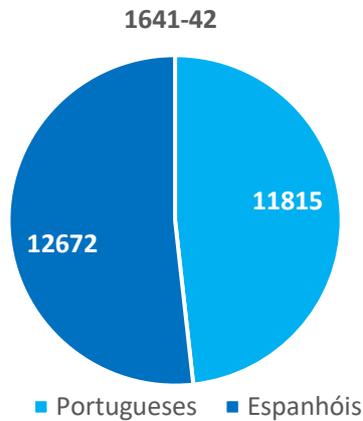


Fonte: Gazeta.... - Nov. 1641-Set. 1647. - Em Lisboa : na Officina de Lourenço de Anueres, 1641-1647. - 21 cm

As baixas neste período revelam a pouca atividade militar, sendo sem dúvida inflacionados os números espanhóis e reduzidos os números portugueses, devido a questões de propaganda. Mesmo assim, mostram onde ocorrem os confrontos, bem como a menção das mortes de 1421 combatentes em 52 ocorrências de notícias. Nem todas as notícias contêm números e nem todas têm números exatos, sendo que o número real será por certo mais elevado do que o representado neste diagrama e nos restantes diagramas e gráficos. Só foram retidos os números que oferecem maior precisão, e apenas números relativamente exatos são contabilizados. Possibilitam mesmo assim uma ideia dos números de baixas.

São raras as excursões com números muito elevados de vítimas e ainda mais raros os confrontos diretos entre grandes números. Como exceção, temos as ações a partir de março de 1642, que chegam a 1000 participantes, mas pouco vão além deste número, mostrando a inexistência de um exército suficientemente grande e organizado que permita elevados números de soldados em constante atividade nas fronteiras, algo a que já existe nos últimos anos da guerra.

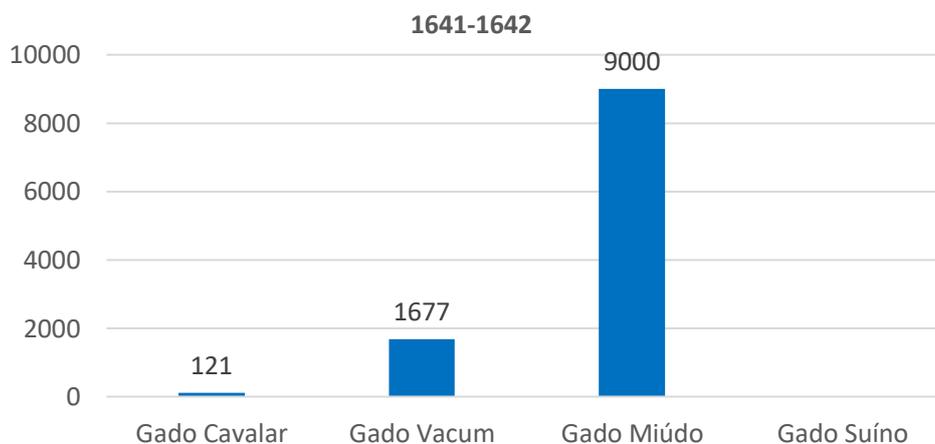
Diagrama 2. Participantes Portugueses e Espanhóis em 1641 e 1642.



Fonte: Gazeta.... - Nov. 1641-Set. 1647. - Em Lisboa : na Oficina de Lourenço de Anueres, 1641-1647. - 21 cm

Os maiores exércitos foram os reunidos nos anos de 1663-1667, que ultrapassam os números totais presentes na “Gazeta da Restauração”. Os participantes contabilizados podem incluir a mesma pessoa mais do que uma vez, já que os episódios relatados nos periódicos podem incluir os mesmos soldados. Os números nestes dois anos são relativamente equilibrados e mostram uma guerra que ainda não começou verdadeiramente.

Gráfico 1. Gado capturado pelos portugueses em 1641 e 1642.



Fonte: GALHEGOS, Manuel de [et al.] - Gazeta Da Restauração. Lisboa: na Oficina de Lourenço de Anueres, 1641-47.

Um aspeto importante que já começa a ser relatado nesta altura é o predomínio da captura de gado, este é mencionado sempre que possível e é o objetivo principal de muitas das excursões. O gado adquire assim uma predominância relativamente aos outros bens capturados, sendo equipamentos e dinheiro raramente mencionados, enquanto que o gado é frequentemente destacado como a recompensa de uma excursão bem-sucedida. O gado miúdo desde o início terá os números mais elevados com 9000 seguido pelo gado vacum em 1677, mas o gado cavalari é considerado o mais importante e nesta altura ainda não se encontra múltiplas menções ao gado suíno. Esta importância dada ao gado percebe-se pelo facto de que as tropas muitas vezes adquirem o seu sustento nas atividades de saque que executam.

De resto, esta primeira fase da guerra presente nos periódicos, pode-se denominar de uma fase de preparação, de adaptação, em que ambas as monarquias ainda estão a ganhar experiência e a testar os melhores sítios para atacar. Não é por acaso que alguns dos lugares nesta primeira fase não voltam a ser mencionados no “*Mercúrio Português*”, mostrando que as frentes de combate também se transformam ao longo do tempo.

2. Os últimos anos da guerra e o aparecimento do “*Mercúrio Português*”

Os anos que o “*Mercúrio Português*” aborda são decisivos para o desenlace da guerra. Por uma questão de estruturação, os anos abrangidos neste periódico serão divididos em duas fases: a Fase Determinante, de 1663 a 1665; e a Fase de Desgaste de 1666 a 1667. Com a paz dos Pirinéus em 1659, Espanha pode finalmente focar-se em Portugal, começando a partir daqui as mais importantes campanhas da guerra. Os anos que imediatamente antecedem o início das notícias mostram um avanço castelhano e a perda de praças por parte de Portugal. Entre estas, temos a perda de Lindoso, Olivença, Arronches (1661), Juromenha e Borba (1662)¹⁴. Portugal não estava preparado para uma ofensiva espanhola e era necessário adaptar-se à nova situação em que se encontrava. Por isso, a partir deste momento, a monarquia portuguesa dependerá cada vez mais de apoio externo. Não é por acaso que a chegada de tropas estrangeiras é múltiplas vezes mencionada no periódico: devido à falta de recursos humanos, era necessário recorrer a profissionais estrangeiros. Entre estes, sem dúvida que se destacou Schomberg, que assumirá um papel importante nas futuras batalhas e no exército português, tendo chegado

¹⁴ COSTA, Fernando Dores- A Guerra da Restauração 1641-1668. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. 126 p. ISBN 972-24-1311-2. p.96.

a Portugal em 1661¹⁵. Em paralelo, embora a paz entre França e Espanha estivesse concluída, apoios franceses à causa portuguesa continuariam. Para além destes, foram fundamentais os apoios ingleses, viabilizados através do casamento de Catarina de Bragança com Carlos II¹⁶.

O “Mercúrio Português” surgirá nesta altura, muito devido à crise política que se vivia com o fim da regência de Luísa de Gusmão e o começo do reinado de D. Afonso VI, em 1662¹⁷, e será António de Sousa Macedo que se encarregará da redação do periódico. Este era um político envolvido na corte, pertencente à facção de D. Afonso VI. Havia-se tornado secretário de estado para assuntos externos¹⁸ e desta forma tinha acesso a informação oficial da coroa¹⁹, em contraste com o seu antecessor. É um periódico mais detalhado, com mais informação, e mais político, devido à causa que defende e à posição que o autor tinha na corte. Neste, sabe-se exatamente que era António de Sousa Macedo o redator, uma vez que ao contrário da “Gazeta da Restauração” neste refere-se o redator na capa do primeiro número. Embora esta ligação com o rei permita que as notícias consigam ir além dos seus antecessores, também significará o seu fim, caso este comece a perder poder na cena política. Isto acontecerá a partir de 1666, altura em que António de Sousa será afastado da corte²⁰ e o periódico cairá de novo no anonimato, durante 1667.

2.1. Fase Determinante (1663 a 1665)

Nestes anos, a frentes de batalha já se tinham consolidado e podem-se dividir em três frentes: Entre Douro e Minho- Trás-Os-Montes/ Galiza; Beira/ Castela e Leão; Alentejo/ Extremadura. E cada uma terá governadores de armas diferentes, estes serão determinantes no que acontecerá em cada uma das frentes de acordo com as iniciativas de cada um destes líderes militares. Para a frente no Norte de Portugal, temos como governadores de armas o Conde de Prado (D. Francisco de Sousa) para o Entre Douro e Minho e o Conde de São João (D. Luís Álvares de Távora) para Trás-Os-Montes, embora em 1664 Diogo de Brito Coutinho tenha assumido a governação após a ida do Conde de São João para a corte²¹.

¹⁵ COSTA, F.- A Guerra da Restauração. p.87.

¹⁶ COSTA, F.- A Guerra da Restauração. p.87.

¹⁷ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.61.

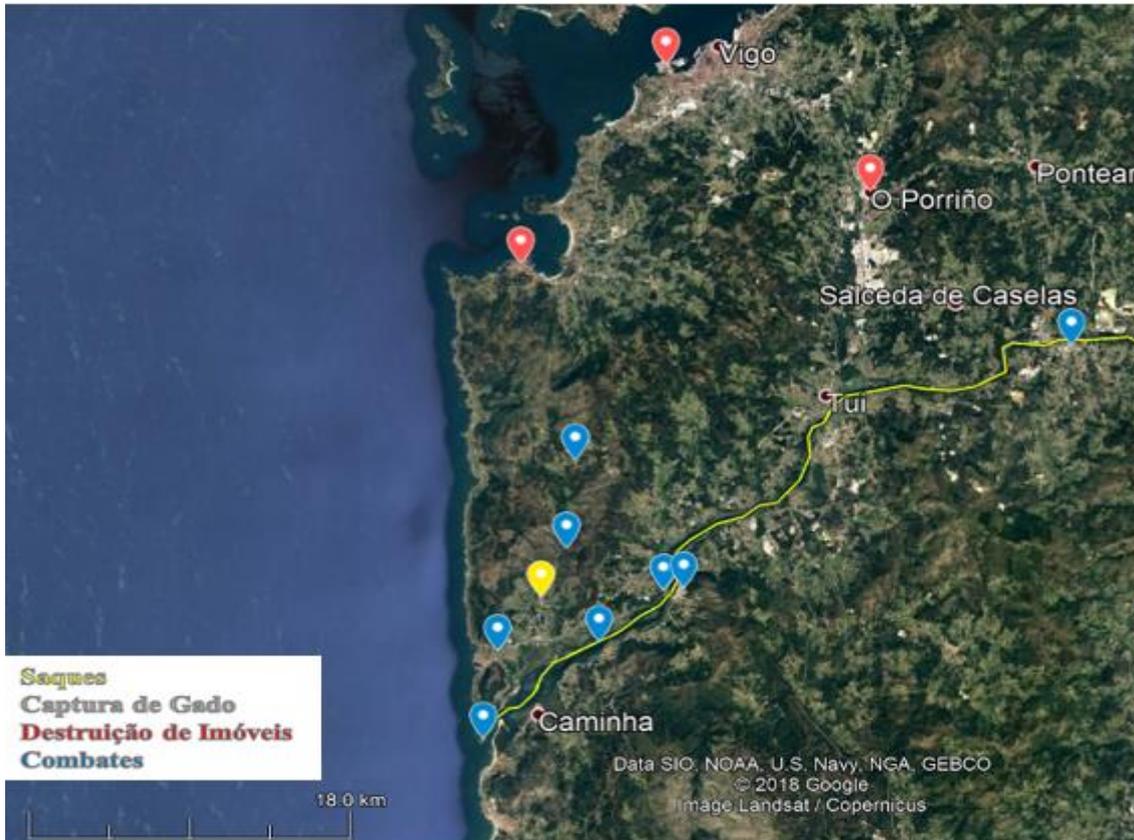
¹⁸ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.62.

¹⁹ TENGARRINHA, J. - “História da Imprensa”. p.66.

²⁰ SOUSA, Jorge Pedro [et al]- Estudos sobre o Mercúrio Português (1663-1667)- Discurso e Contexto. Covilhã: Livros LabCom, 2013. ISBN 978-989-654-099-9. p.239.

²¹ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.87.

Mapa 2. Entre Douro e Minho/Galiza- Ações Militares entre 1663 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella: começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4° (20 cm)

<https://www.google.pt/maps/@41.1523158,-8.6297153,14z>

Embora se considere como uma única frente, devido às ações em conjunto e ao facto de o próprio periódico tratar este território espanhol sempre como Galiza, sem fazer uma menção mais específica, a verdade é que em ambos existirão atividades militares empreendidas sem a colaboração do outro governador. Esta frente ao longo do rio Minho destaca-se pela concentração dos pontos de conflito em torno do lado oeste banhado pelo Atlântico e sendo maioritariamente conflitos de pouca intensidade. Dois momentos chave destacam-se nestes três anos desta fase: o primeiro é a conquista do forte de Gaião em outubro de 1663²². Este foi importante e fundamental para a guerra nesta região. Este forte que se situava depois do Rio Minho, no lado da Galiza, tornava-se assim numa praça essencial para operações portuguesas naquela região. As fortificações começariam imediatamente a ser construídas e passar-se-ia a apelidar de Praça Nova de Conceição nunca mais sendo referido como Forte de Gaião nas notícias. O próprio periódico dá um

²² MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.90-95.

verdadeiro destaque a esta praça, mencionando quando foi concluído o forte (em Dezembro de 1663)²³, quando existiram tentativas de ataque a este por parte de Espanha, sendo uma das principais a que ocorreu em Janeiro de 1664²⁴, e ainda mencionando as reparações da praça em Abril de 1665²⁵. A importância atribuída a esta praça não era uma questão propagandística, a verdade é que o lugar estratégico da mesma em território espanhol para além da barreira natural que era o rio Minho criava tensão nas tropas espanholas da região. Tal fica evidente quando assistimos à criação de dois fortes perto da Praça de Conceição, após a edificação da mesma, um apelidado de Forte dos Medos e o outro de Forte de São Luís. O segundo momento-chave é a campanha de 1665, em novembro e outubro, que acabará por chegar a Baiona e conquistar La Guardia. Só se percebe esta campanha quando se tem em mente a conquista da Praça de Conceição e o que esta possibilita. Nunca teriam os portugueses chegado tão longe sem uma base militar do outro lado do rio Minho. É uma campanha ambiciosa e que acaba por levar ao saque e a destruição de diversos lugares que até então não tinham sido tocados pela guerra, lugares como Baiona perto de Vigo. Por outro lado, a retirada do exército após ser incapaz de conseguir uma batalha (isto será muitas vezes afirmado no periódico: a procura de um conflito direto por parte dos portugueses seria um dos objetivos de algumas destas campanhas) culminou na conquista da La Guardia, mais uma base militar fundamental nesta região, o que permitia aos portugueses uma maior liberdade e uma impossibilidade de Espanha enviar excursões para território português. De resto, esta frente acabará por basear-se em escaramuças perto dos fortes ou, excepcionalmente, em campanhas como a que levou o exército português a Baiona.

²³MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.126.

²⁴ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.144-146.

²⁵ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.434.

Mapa 3. Trás-Os-Montes/Galiza- Ações Militares entre 1663 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm)
<https://www.google.pt/maps/@41.1523158,-8.6297153,14z>

Ao contrário de Entre Douro e Minho, Trás-Os-Montes terá uma frente muito mais extensa e que se baseará principalmente em trocas de excursões devido à impossibilidade de defesa de todas as praças, chegando o próprio periódico a mencionar este facto em junho de 1665²⁶. Assim, não existem momentos-chave nesta zona, mas sim diversas campanhas com o intuito de saquear múltiplos lugares. Entre estas campanhas temos a que ocorreu em simultâneo com a que levou à conquista do forte de Gaião. Procurando pressionar a Galiza, o Conde de São João em outubro de 1663 saqueia inúmeros lugares na Galiza, sendo o seu único inimigo as chuvas e as tempestades que ocorriam neste mês²⁷, de acordo com o periódico. Assim, temos um dos aspetos mais importantes do Conde de São João que é o carácter de diversas excursões com o intuito de saquear, o que mostra a agressividade deste governador, procurando sempre que podia atacar a principal praça castelhana nesta região, Monterrei, tentava incitar as tropas nela sediadas ao combate, e quando tal não acontecia decidia-se apenas pela destruição ou simples saque das localidades adjacentes. Mas, para além disto, vemos neste governador um papel auxiliar, muitas vezes enviando tropas às outras províncias, procurando fazer campanhas coordenadas com os restantes governadores ou até tomando a iniciativa de provocar os castelhanos, impedindo que eles reagissem a alguma atividade militar ocorrida noutra província, como foi o caso em Outubro de 1664, que decidiu atacar quando soube que o governador da Beira tinha ido em excursão²⁸. Ainda ocorreu a reconquista de Lindoso em

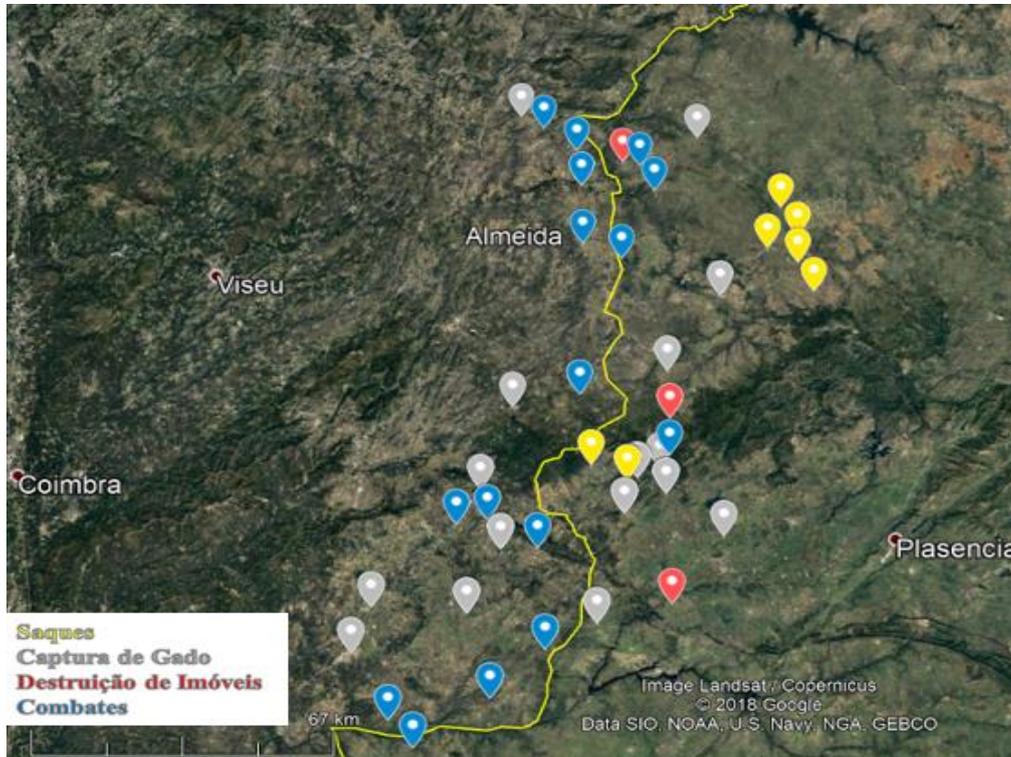
²⁶ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.465.

²⁷ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.87-90.

²⁸ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.291-292.

novembro de 1663²⁹, sendo o Conde de São João um dos principais que motivou esta ação.

Mapa 4. Beira/ Castela e Leão- Ações Militares entre 1663 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm)

<https://www.google.pt/maps/@41.1523158,-8.6297153,14z>

A frente Beira/Castela e Leão é marcada por excursões perto das principais praças restringindo-se principalmente a localidades de fronteira não procurando expedições mais longas. Isto provavelmente deve-se ao facto de que as principais praças se situavam muito próximas da fronteira, os governadores e o próprio terreno também acabaram por levar a isso. Nesta província destacamos duas praças, cada uma pertencente a governadores distintos, uma vez que a província se encontrava dividida em termos de administração militar. A primeira praça era Almeida, em que o governador era Pedro Jacques de Magalhães. A segunda era Penamacor, tendo como governador Afonso Furtando de Mendonça. Isto levaria a uma dicotomia da atividade militar em que Pedro Jacques teria

²⁹ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.108-113.

a prevalência nas excursões, indo até território que fazia fronteira com Penamacor e não com Almeida. É uma frente mais intensa, muito devido à sua proximidade com a frente do Alentejo, onde se formavam os maiores exércitos.

Aqui, assiste-se a um elevado número de excursões para captura de gado, embora não diminuísse o outro tipo de excursões. Também se assiste a insucessos portugueses, como a derrota em Pedrógão de São Pedro, em que os reforços portugueses não chegam a tempo para salvar a guarnição deste lugar³⁰ e com o avanço de Espanha para além da ribeira de Tourões até Vale da Mula em Dezembro de 1663³¹. Neste lugar começaram a construir um forte para base de operações nesta região, devido à proximidade com Almeida provocou uma reação portuguesa em janeiro de 1664³² e embora tenham conseguido ganhar em campo aberto foram incapazes de concretizar o cerco ao forte, acabando assim por recuar. Como culminar das ofensivas espanholas temos a Batalha de Castelo Rodrigo, no dia 7 de julho em 1664³³. Pedro Jacques havia sido apanhado de surpresa e reuniu as tropas que podia em dois dias, do lado português eram cerca de 3000, do lado espanhol 4600. Os espanhóis, incapazes de conquistar Castelo Rodrigo a tempo, acabariam por ser obrigados a recuar e a combater, levando à sua derrota frente aos portugueses.

Esta batalha acabaria com qualquer grande iniciativa que o Duque de Osuna (governador de Cidade Rodrigo) pudesse vir a tentar no futuro nesta região. Por outro lado, mostra o início do declínio do avanço castelhano nesta frente, uma vez que devido à incapacidade de manter o forte em Vale da Mula acabaria por abandoná-lo em novembro de 1664³⁴. Devido à pressa, as minas seriam mal preparadas e acabariam por não destruir a praça/forte.

³⁰ MACEDO, A. - *Mercúrio Português*. p.279.

³¹ MACEDO, A. - *Mercúrio Português*. p.123.

³² MACEDO, A. - *Mercúrio Português*. p.140-144.

³³ MACEDO, A. - *Mercúrio Português*. p.228-235.

³⁴ MACEDO, A. - *Mercúrio Português*. p.306-307.

Mapa 5. Alentejo/ Extremadura – Ações Militares entre 1663 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Oficina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4° (20 cm)
<https://www.google.pt/maps/@41.1523158,-8.6297153,14z>.

A última frente e a mais importante é a de Alentejo/Extremadura e será nestes anos que duas das principais batalhas acontecerão e que determinarão o futuro desta guerra e a atitude militar espanhola, segundo é relatado e sugerido nos últimos dois anos deste periódico. É uma frente marcada por diversidade e por uma dispersão das atividades militares, o território assim o permite e existem múltiplas zonas de entrada que possibilitam excursões em território inimigo. Sem dúvida que se focam à volta das principais praças, que são Elvas e Badajoz, mas vão além destas e procuram mais do que apenas alguns confrontos. Durante os anos que este periódico abrange temos três governadores de armas que se sucedem na ordem seguinte: Conde de Vila Flor (D. Sancho Manuel de Vilhena); D. António Luís de Menezes; Frederick Schomberg.

Todos estes governadores estarão presentes em pelo menos uma das duas grandes batalhas que aconteceram. A primeira ocorreu em 1663³⁵. A campanha que a precedeu

³⁵ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.39-54.

teve início em maio onde Évora é cercada, resistindo apenas alguns dias, acabando por se render, de acordo com a fonte por causa da doença do capitão. João de Áustria, que comandava um exército de 12000 infantes e 4000 cavaleiros, acabaria por tentar recuperar as linhas de abastecimento, uma vez que se tinha dirigido diretamente a Évora sem conquistar as praças que levavam a ela. Após alguns dias de marcha, tropas portuguesas a seguir o exército espanhol, acabariam por travar a batalha num local a que chamavam Canal, daí ser apelidada de Batalha do Ameixial e Batalha do Canal.

O exército português, constituído por 10000 infantes e 3000 cavaleiros, acabaria por sair vitorioso neste conflito armado. 4000 espanhóis morreriam nesta batalha e 6000 ficariam prisioneiros, era uma vitória decisiva para Portugal, uma vez que a derrota poderia causar a iminente queda daquela frente de guerra tão importante e possivelmente levaria ao fim da guerra a favor de Espanha. João da Áustria seria eventualmente afastado do cargo de governador em Badajoz, isto sendo uma prática comum, em que a derrota numa batalha importante levava ao afastamento dos responsáveis, que neste caso era quem ocupava o mais elevado cargo.

Évora acabaria por ser cercada, no dia 11 de junho, rendendo-se 11 dias depois. A partir daqui o objetivo português é o de procurar incentivar os espanhóis a sair de novo em campanha, desejam outra batalha importante uma vez que estas os aproximavam mais do fim da guerra e aumentavam o seu prestígio no resto da Europa, no entanto, esta decisão, após a análise das fontes, parecia surgir mais de uma incapacidade de cercar eficazmente as mais importantes praças, desta forma, incapazes de ganhar através da ocupação teriam de ganhar através das vitórias em campo aberto. Durante o resto do ano, os portugueses esperaram por uma nova campanha espanhola. Ao perceberem que esta não aconteceria, procuraram eles ir a território espanhol, uma vez que já tinham preparado o exército. É nesta situação que surge a conquista de Valência de Alcântara em junho de 1664³⁶. A sua escolha deveu-se à questão do clima e das suas consequências, o problema não era o clima em si, mas sim as doenças que provinham durante um longo período de cerco, assim escolheu-se ir a Valência em detrimento de praças como Badajoz, Olivença e Albuquerque.

A conquista seria concretizada nesse mesmo mês, adquirindo desta forma uma praça importante nesta frente, embora um dos grandes objetivos, que era a procura de uma batalha, não se tenha concretizado. A partir daqui começará lentamente o declínio

³⁶ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.190-200.

do poder espanhol nesta região, as praças portuguesas que detinham começavam a tornar-se cada vez mais dispendiosas e difíceis de manter. Logo em Agosto de 1664³⁷, as notícias referem a falta de mantimentos em Arronches, uma vez que as linhas de abastecimento à praça eram constantemente assediadas pelas tropas portuguesas. Por isto, em setembro de 1664, os espanhóis acabariam por abandonar esta praça³⁸, acontecendo o que aconteceu em Vale da Mula, uma fraca preparação das minas acabaria por não destruir a praça.

Em 1665 os espanhóis tentariam por uma última vez reverter este processo de declínio que se havia instalado nesta frente. Em março de 1665 um exército de 6000 homens com o intuito de recapturar Valência³⁹ esperou pelo sinal de espanhóis existentes na praça, no entanto, esta conspiração foi descoberta a tempo pelo capitão português o que levou à retirada do exército sem ocorrer qualquer combate. Mas a grande tentativa de reverter a situação seria com a chegada de um novo governador a Badajoz, o Marquês de Caracena em maio de 1665.

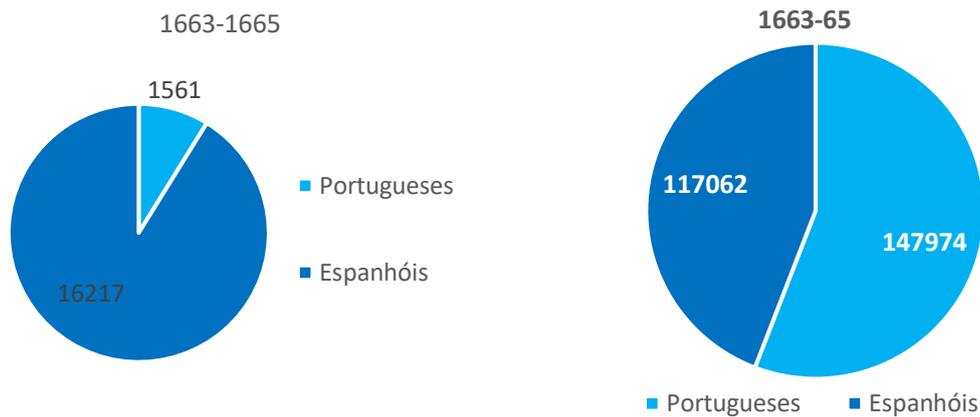
Apenas um mês depois aconteceria uma campanha que envolveu 15000 infantes e 7663 cavaleiros que duraria 14 dias e acabaria na Batalha de Montes Claros. Caracena dirigiu-se a Vila Viçosa, isto acabaria por provocar uma dupla zona de batalha para ele, porque incapaz de conquistar a praça antes de o exército português organizar-se acabaria por ser obrigado a dividir o seu exército para enfrentar as tropas portuguesas atingiam os números de 16000 infantes e 6000 cavaleiros, no final seria derrotado e 7500 espanhóis morreriam, ficando prisioneiros 6000. Era a derrota decisiva, Espanha jamais conseguiria estabelecer-se como a força dominante. Esta derrota marcaria o início do declínio total e o início de uma última fase.

³⁷ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.260-262.

³⁸ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.272-275.

³⁹ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.425.

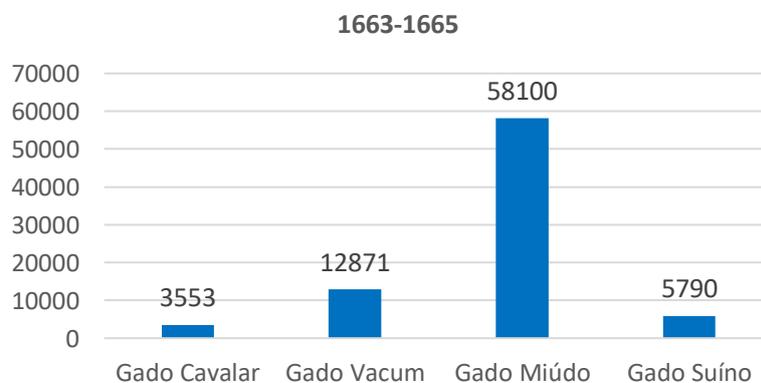
Diagrama 3 e 4. Baixas e Participantes Portugueses e Espanhóis entre 1663 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm)

A guerra nestes três anos havia-se intensificado, ambos os lados mobilizavam mais homens e mais meios financeiros, ambos os lados dependiam de tropas estrangeiras, era necessário não só ter suficientes homens para guarnecer as praças como era preciso ter para conseguir formar um exército caso fosse necessário. Era talvez o verdadeiro início da guerra, antes aconteciam excursões mas nada importante ou significativo, é sim nestes últimos anos que os acontecimentos mais importantes surgem e marcam o final deste longo período denominado como Guerra da Restauração. Os números de baixas são claramente propagandísticos mas mostram o mínimo das baixas possíveis portuguesas que seriam provavelmente mais. Já o número de participantes estava claramente a favor de Espanha embora raramente se traduzisse em números superiores no campo de batalha.

Gráfico 2. Gado capturado pelos Portugueses entre 1663 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm).

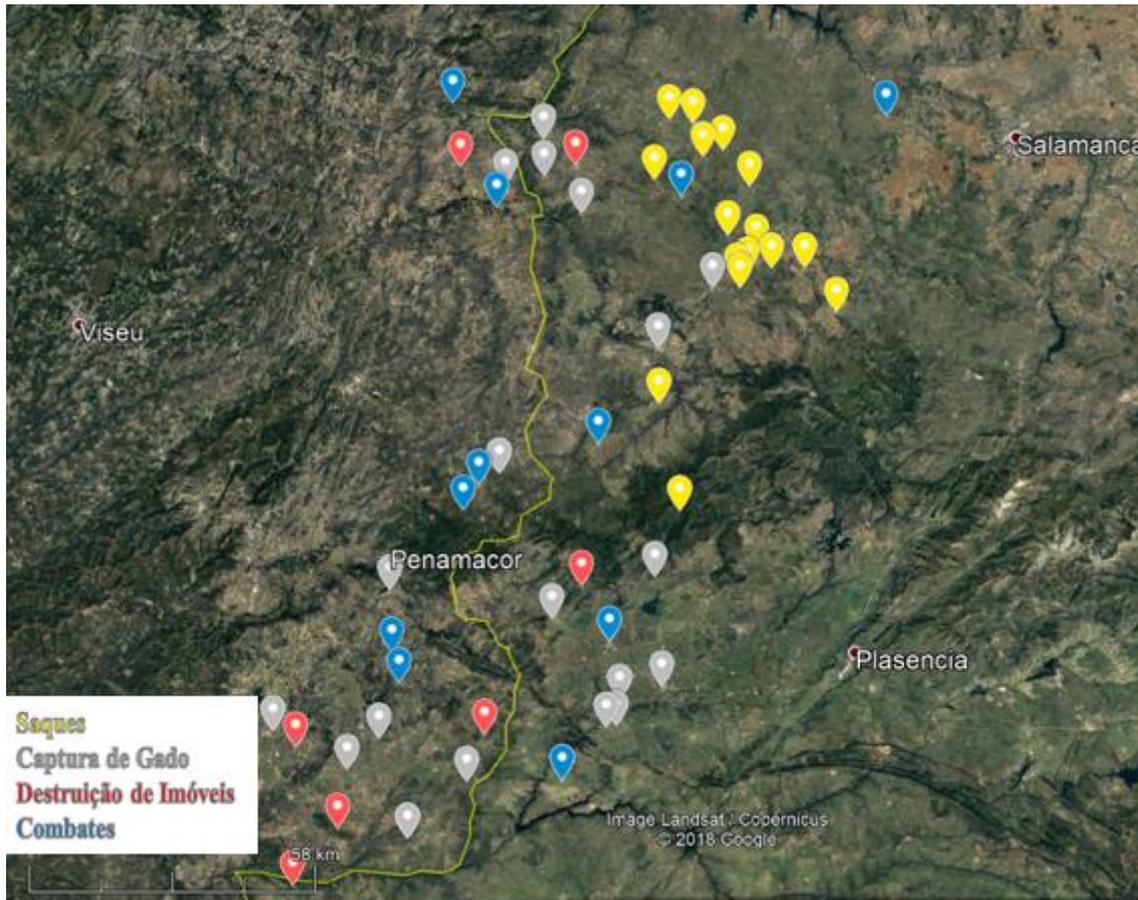
Esta não é apenas uma guerra de batalhas, também é económica, afetando as populações que residem nas localidades de fronteira, as ligações comerciais que havia são cortadas e substituídas por uma constante agressividade e tentativa de danificar o sustento das tropas inimigas. O gado será sempre um dos mais importantes alvos das expedições e isto nunca mudou ao longo da guerra, a captura de gado significava o abastecimento do próprio exército e a redução do mesmo ao exército inimigo, uma luta pela economia e pelos recursos, expedições marcadas por saques que levavam mesmo ao fim de algumas aldeias, uma guerra de desgaste. O gado miúdo teve a prioridade com números com 58100 sendo seguido pelo gado vacum em 12871, os tipos que raramente eram adquiridos eram o gado cavalari e o suíno que juntos não chegavam a 10000.

Assim, embora as frentes estivessem ativas durante estes anos, as principais seriam a da Beira/Castela e Leão e do Alentejo/ Extremadura, acabando por ser também nestas que os mais relevantes conflitos armados aconteceram.

2.2. Fase de Desgaste (1666-1667)

Esta última fase é o resultado do declínio anterior e destacar-se-á por um declínio significativo na maioria das frentes, por isto apenas alguns pontos essenciais precisam ser esclarecidos, não sendo necessária a análise detalhada de cada frente. De acordo com as notícias, este é um período com talvez mais destruição na frente no Norte de Portugal, mas a quantidade de ações militares diminui drasticamente, apenas se destaca acima do Minho de novo uma campanha que surge devido à presença de um exército espanhol em movimento por Tui. O exército, embora sem qualquer sucesso, provocará esta campanha que causará a destruição a diversos lugares de novo próximos de Vigo. No entanto será o único momento importante nesta zona durante estes anos. Para além disto, temos as recorrentes excursões do Conde de São João, embora este mostre uma maior incapacidade de se defender, uma vez que as excursões espanholas chegam a destruir várias localidades perto de Chaves, mas, de novo, a tendência é para a redução da atividade militar. A frente do Alentejo/Extremadura revela isto perfeitamente, as excursões acontecem, mas as tropas espanholas evitam qualquer confronto armado e qualquer tipo de reforços portugueses provocam a retirada destes para o seu território. É uma fase de pequenas excursões e de tentar afetar os recursos do inimigo, a fase das grandes batalhas já tinha acabado.

Mapa 6. Beira/ Castela e Leão- Ações Militares entre 1666 e 1667.



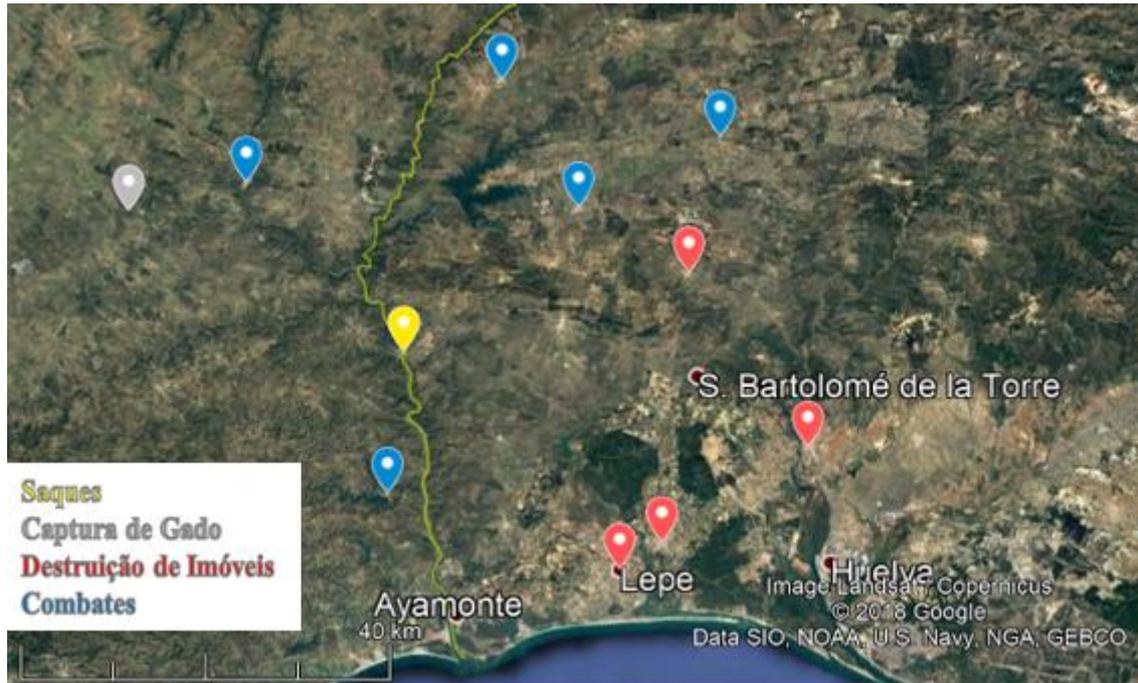
Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm).

A fronteira que se tornará no palco principal destes dois anos é a da Beira/Castela e Leão. Aqui vai-se intensificar esta guerra de desgaste, o governador Pedro Jacques promoverá cada vez mais excursões a território espanhol e a tentativa de ir além de Cidade Rodrigo, chegando até perto de Salamanca. É nesta frente que se destaca esta guerra de desgaste dos últimos anos. Afinal de contas, os governadores das armas da Beira nunca procuraram batalhas, mas sim os pequenos ataques que, acumulados, acabariam por levar à diminuição e enfraquecimento das tropas espanholas nesta região.

Esta mudança da guerra leva ao surgimento de uma nova frente. Esta frente, que se havia mantido neutra devido à vontade dos cabos de não fazer excursões⁴⁰, vai agora emergir: assim surgia uma frente a sul do Alentejo, entre o Algarve e a Andaluzia.

⁴⁰ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.542.

Mapa 7. Algarve/Andaluzia- Ações Militares entre 1666 e 1667.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm)

Esta quebra da neutralidade aconteceria devido às recorrentes excursões espanholas que quebravam esse pacto e principalmente à movimentação de tropas da Extremadura para esta região. No final seria Schomberg a acabar com a neutralidade com a conquista de Sanlúcar de Guadiana em maio de 1666⁴¹. Esta frente temporária ficaria marcada pela excursão que levou ao saque de Gibraltor, Cartaya e Lepe⁴², sendo todas queimadas.

⁴¹ MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.587-590.

⁴² MACEDO, A.- Mercúrio Português. p.597-599.

Diagrama 5. Participantes Portugueses e espanhóis entre 1666 e 1667.

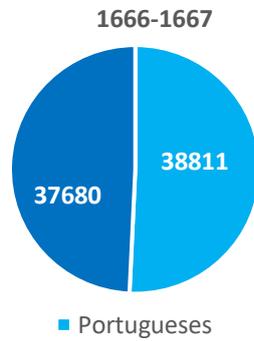
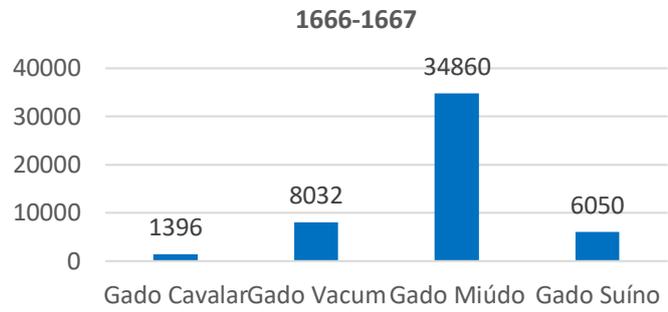
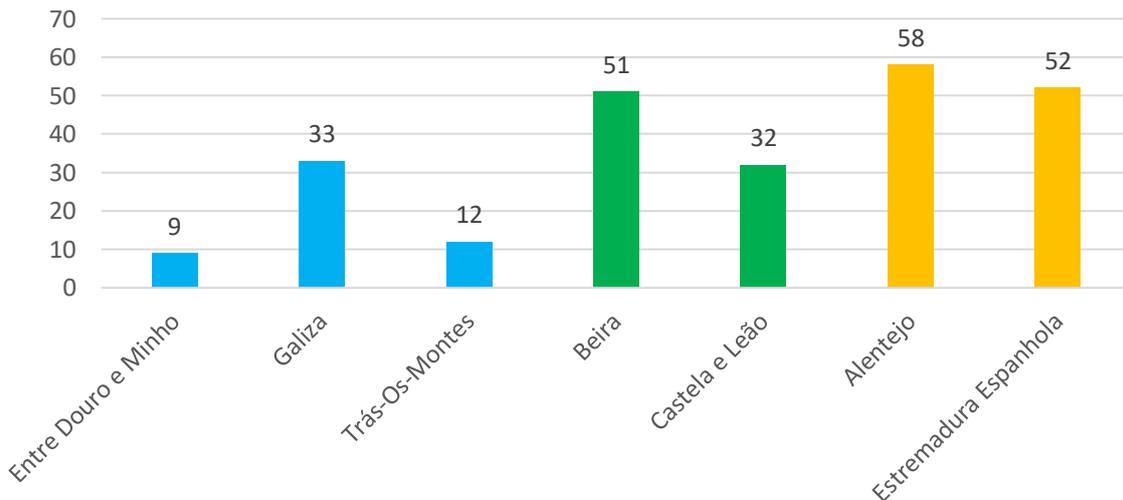


Gráfico 3. Gado capturado pelos Portugueses entre 1666 e 1667.



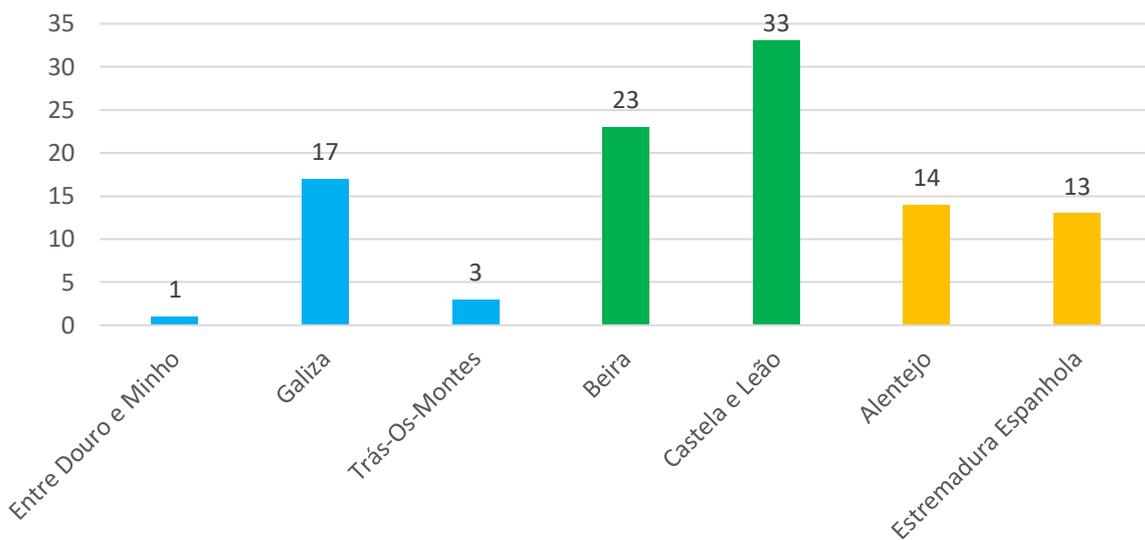
Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4° (20 cm)

Gráfico 4. Regiões mais afetadas nos anos de 1641, 1642, 1663, 1664 e 1665.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4° (20 cm)

Gráfico 5. Regiões mais afetadas nos anos de 1666 e 1667.



Fonte: Mercurio Portuguez, com as novas da Guerra entre Portugal, & Castella : começa no principio de anno de 1663 / por Antonio de Souza de Macedo. - Lisboa : na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663-[1667]. - [59] fascículos ; 4º (20 cm)

Esta fase de desgaste é assim marcada por pequenas excursões e a inexistência de uma vontade de operar grandes iniciativas. Espanha, de certo modo após Montes Claros, tinha compreendido a sua incapacidade para enfrentar as tropas portuguesas em campo aberto e por isso tinha decidido evitar a todo o custo tais confrontos e promover antes os ataques rápidos de forma a afetar a economia e estabilidade da região. Castela e Leão e a são as zonas com mais conflitos, seguidas diretamente pelo Alentejo e Estremadura Espanhola que tinha “acalmado” após Montes Claros. Já o conflito no Norte passou a ser principalmente na Galiza e quase inexistente no em Trás-Os-Montes e Entre Douro e Minho.

O gado miúdo continua a ser o principal com 34860 ainda seguido pelo gado vacum com 8032, o gado suíno aumentou ligeiramente acima dos 6000 e o gado cavalari teve uma queda superior a 2000 da fase anterior.

3. Aspectos específicos

Existem dois aspetos fundamentais a destacar das informações recolhidas das fontes. O primeiro e o mais fácil de expor é o tratamento dos traidores, portugueses a lutar do lado espanhol. O periódico, em todos os casos que os mencionou, demonstrou claramente que não existia tolerância para com eles, todos os traidores mencionados no periódico e que foram capturados pelos portugueses foram executados, as próprias

notícias mostram esta faceta de ódio relativamente aos traidores em que não existia qualquer tipo de perdão, pelo menos neste tipo de fontes tal era a visão.

Outro aspeto importante a reter é a insubordinação militar, que normalmente não era mencionada, mas ainda assim ocorre na fonte, embora este fosse um periódico propagandístico. Aqui podem-se destacar dois importantes casos, o primeiro em Julho de 1664⁴³, em que devido à complacência, os soldados não cumpriram a ordem de disparar duas peças em caso de excursão espanhola, o que levou a que a praça atacada não recebesse os reforços a tempo e fosse incapaz de se defender.

Além disso, o capitão da guarnição, que tinha ordens expressas para recuar em tais casos, recuou inicialmente, mas depois decidiu voltar com a sua companhia, causando a sua morte e de alguns dos seus homens. Outro caso ocorreu em outubro de 1666: Jerónimo de Silva com 1100 cavaleiros vai para a Extremadura, envia 100 cavaleiros para perto de Badajoz o que provoca a saída de tropas espanholas desta praça em perseguição dos portugueses, isto tudo resultará num confronto armado que acaba com uma derrota portuguesa. Esta, de acordo com as fontes, resultou da incapacidade dos capitães de ficarem com as suas companhias, deixando estas mesmas sozinhas, o que poderia levar à sua dispersão, uma vez que deixava as companhias sem um comando direto e causaria a impossibilidade de uma reorganização, como mostra o seguinte excerto do periódico: "carregou até à segunda linha do inimigo, mas elle nos rebateo; & recolhendo Joam da Sylva às duas linhas, que deixara de reserva, as nam achou, sem saber a causa; seguionos o inimigo; e posto que os nossos vieram fazendo algumas voltas, nam foi possível refazer batalhoens"⁴⁴.

Assim mesmo, um periódico propagandístico como o “Mercúrio Português” mostra algumas das falhas do sistema militar português, capitães que procuram a glória pessoal, deixando de lado as suas obrigações ou soldados que caíam numa certa complacência e descuido. A insubordinação não era só militar, era também civil, como demonstra a notícia em maio de 1664 em que Diogo Gomes de Figueiredo, da província da Beira, castiga quem não recolhe o gado⁴⁵ devido ao facto de que múltiplas excursões espanholas tinham conseguido roubar gado devido ao facto de a população da região não seguir esta ordem.

⁴³ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.248-249.

⁴⁴ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.701.

⁴⁵ MACEDO, A.- *Mercúrio Português*. p.180.

Conclusão

A guerra da Restauração foi um longo período que se adaptou às mudanças políticas na Europa. Dificuldades financeiras e necessidade de homens eram questões sempre pendentes: nenhum destes meios eram suficientes e procurava-se sempre mais.

Este tipo de fontes têm as suas dificuldades, quer seja a de identificar topónimos, quer seja distinguir e diferenciar os termos usados pelo redator, mas são fontes que apresentam muita informação que permite fazer uma evolução da guerra muito mais profunda do que a aqui presente. Em cada mês existem várias iniciativas militares, umas mais detalhadas que outras, mas estão presentes e possibilitam seguir a guerra mês a mês e o seu progresso.

A guerra através dos periódicos pode-se assim dividir nas três fases essenciais aqui assinaladas e visualizadas, todas elas ligadas e que não existiriam umas sem as outras. A guerra culmina entre 1663-1665 enquanto as outras fases mostram duas características distintas, uma de preparação e a outra de desgaste. Uma guerra que no final baseou-se nas grandes batalhas devido à incapacidade de verdadeiras conquistas territoriais. Se esta incapacidade foi uma decisão ou não da monarquia portuguesa é algo discutível. No final, parecia que entendiam os seus limites e percebiam que expansão para Espanha poderia ser um desastre. Isto não deixou de ser criticado por pessoas como Schomberg que viam a fragmentação do exército após uma batalha ganha como uma oportunidade desperdiçada⁴⁶. Não existia uma união sólida no sistema militar português, conflitos ocorriam entre os fidalgos portugueses e os comandantes estrangeiros.

Os objetivos das várias campanhas executadas nesta altura variavam conforme a frente em que ocorriam. Por outro lado, o clima nem sempre influenciava a ausência das mesmas, como se viu na campanha do Conde de São João, embora o grande medo não fosse o clima, mas as doenças que dele decorriam. A monarquia portuguesa procurou sempre manter uma atitude defensiva, o objetivo era conseguir a independência, não a conquista territorial. No final conseguiriam isso e a guerra ficava decidida após 1665.

⁴⁶ COSTA, Fernando Dores- A Guerra da Restauração 1641-1668. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. 126 p. ISBN 972-24-1311-2. p.101-102.

Fontes:

GALHEGOS, Manuel de [et al.] - *Gazeta Da Restauração*. Lisboa: na Officina de Lourenço de Anueres, 1641-48.

MACEDO, António de Souza - *Mercúrio Português*. Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1663-1667.

Bibliografia:

BLACK, Jeremy- “A Military Revolution?: Military Change and European Society 1550–1800”. London: Macmillan, 1991. 109p. ISBN 0-333-51906-X.

BORGES, Emília Salvado- “A Guerra da Restauração no Baixo Alentejo”. Lisboa: Edições Colibri, 2015. ISBN 978-989-689-535-8.

COSTA, Fernando Dores- “A Guerra da Restauração 1641-1668”. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. 126p. ISBN 972-24-1311-2.

DIAS, Eurico Gomes: “Gazetas da Restauração : (1641-1648) : uma revisão de estratégias diplomático-militares”. Lisboa: Europress, 2006. ISBN 978-972-9245-52-7

DIAS, Eurico Gomes: “Olhares sobre o Mercvrio Portvgvez : [1663-1667] : transcrição e comentários”. Lisboa: CEPESSE-Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2010. ISBN 978-972-27-1865-3.

FREITAS, Jorge Penim de- *Propaganda, experiência, liderança. Sobre o contributo dos militares estrangeiros ao serviço da Coroa portuguesa, 1641-1668*. Actas do XV Colóquio de História Militar. Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar. Vol.1(2005) pp. 237-252.

HESPANHA, António Manuel [et al.] – “O Antigo Regime. In *História de Portugal*”. 1ª ed. Lisboa:Editorial Estampa, 1998. ISBN 972-33-1311-1.

PARKER, Geoffrey- “Europe In Crisis 1598-1648”. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. 348p. ISBN 9780631220282.

SANTO, Gabriel do Espírito- “Restauração 1640|1668”. Lisboa: Quidnovi, 2008. 144p. ISBN 978-989-628-028-4.

SOUSA, Jorge Pedro [et al.] – “A Gazeta “da Restauração”: Primeiro Periódico Português - Uma análise do discurso”. Covilhã: Livros LabCom, 2011. ISBN 978-989-654-060-9.

SOUSA, Jorge Pedro [et al]- “Estudos sobre o Mercúrio Português (1663-1667)- Discurso e Contexto”. Covilhã: Livros LabCom, 2013. ISBN 978-989-654-099-9.

TEIXEIRA, Nuno Severiano – “Nova História Militar de Portugal”. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004. ISBN 972-42-3111-9. vol. 2.

TENGARRINHA, José – “Nova História da Imprensa Portuguesa das Origens a 1865”. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013. 1003p. ISBN 978-989-644-240-8.